

ETNIA E GÊNERO: LITERATURA CANADENSE (SUL-ASIÁTICA) E A ESCRITA CRÍTICO-CRIATIVA DE HIMANI BANNERJI

ETHNICITY AND GENDER: (SOUTH ASIAN) CANADIAN LITERATURE AND HIMANI BANNERJI'S CRITICAL AND CREATIVE WRITING

*Rodrigo da Rosa Pereira*¹

*Rubelise da Cunha*²

Submetido em 29 de outubro de 2012, aprovado em 1º de abril de 2013

Resumo: Este estudo apresenta a produção crítica e criativa de Himani Bannerji, escritora canadense sul-asiática, situada duplamente na periferia da instituição literária – espaço que as escritas de autoria feminina e migrante de mulheres “não brancas” ocupam atualmente no Canadá. Bannerji é escritora de literatura, ensaísta e professora. O conjunto de sua produção retrata a dialética de uma luta coletiva, motivada pela sensibilidade das populações de imigrantes etnicamente discriminadas. As reflexões aqui desenvolvidas relacionam-se às questões pós-coloniais de etnia e gênero no contexto da literatura canadense contemporânea.

Palavras-chave: literatura canadense sul-asiática, escrita feminina, minorias étnicas, pós-colonialismo.

Abstract: This study discusses Himani Bannerji's critical and creative writing. The South Asian Canadian writer is doubly situated on the periphery of literature, which is a space that writings by ethnic minority women currently occupy in Canada. Bannerji is a writer, essayist and a teacher, and her production depicts the dialectic of a collective struggle, motivated by the sensitivity of ethnically discriminated immigrant populations. Our aim is to discuss postcolonial issues regarding ethnicity and gender in the context of contemporary Canadian Literature.

¹ Tradutor Intérprete de Língua Inglesa e doutorando em Letras, História da Literatura FURG - Univ. Fed. Rio Grande. rodrigopereira@furg.br.

² Professora do Curso de Pós-graduação em Letras da FURG.

Keywords: South Asian Canadian Literature, women's writing, ethnic minorities, post-colonialism.

Himani Bannerji (1945-atual), sul-asiática radicada no Canadá, é escritora de poesia e ficção, ensaísta e professora de sociologia. Em *Asian American novelists: a bio-bibliographical critical sourcebook*, Geoffrey Kain (2000, p. 8-11) fornece uma abrangente apresentação da escritora, com base na sua formação profissional. Nascida na Índia, Bannerji inicia seus estudos acadêmicos na cidade de Calcutá, onde conclui seu mestrado em língua inglesa, em 1965, pela Jadavpur *University*, e leciona língua inglesa e literatura comparada até 1969, ano em que parte para o Canadá, a fim de dar continuidade a seus estudos na Universidade de Toronto. Nessa cidade canadense, cursa um novo mestrado em língua inglesa e leciona no *Victoria College*, de 1970 a 1974. Deste ano até 1988, assume a coordenação do Departamento de Sociologia no *Atkinson College*, na *York University* (Toronto). Paralelamente, na Universidade de Toronto, em 1980, começa seus estudos de doutorado em sociologia. Sua tese, "The politics of representation: a study of class and class struggle in the theatre of West Bengal" (1988), ao focar a "arte política", prepara o terreno para a maior parte de seu trabalho subsequente. Dez anos mais tarde, o material da tese é revisado e publicado em forma de livro, intitulado *Mirror of class: essays on political theatre* (1998). Desde 1989, com essa bagagem, Bannerji atua como professora no Departamento de Sociologia da *York University*, em Toronto. Anualmente, ela retorna à Índia para lecionar ou dar palestras em Calcutá; assim, escreve e organiza projetos a respeito de questões tanto canadenses quanto indianas.

Bannerji estreou sua carreira como escritora com as publicações de duas antologias poéticas, respectivamente, *A Separate Sky* (1982) e *Doing Time* (1986). A primeira constitui-se de traduções de poemas da língua bengali para o inglês. O livro apresenta-se como uma tentativa de importar

para o novo mundo a cultura da terra natal, que aos poucos era deixada para trás. A segunda caracteriza um novo passo na vida da escritora, constituindo-se de poemas de sua autoria. Neles, Bannerji fala do Canadá como uma prisão construída em diferentes níveis, onde pessoas com raiva, silenciadas, encurraladas, lutam para ganhar rosto, voz e poder. Porém, a autora representa o tempo na prisão como não sendo apenas um tempo de desespero, mas um tempo de aprender a ter solidariedade, articular estratégias e adquirir força, até que as grades sejam quebradas e as paredes, derrubadas.

Em seu percurso, a partir desse momento, verificamos que Bannerji parece encarar de modo mais significativo sua condição no novo país, buscando dar formas expressivas a experiências por ela denominadas “não brancas”, movendo-se da nostalgia da terra natal em direção à angústia da integração ao novo território, seu novo lar. É nesse contexto que a escritora começa a consolidar uma voz crítico-criativa canadense sul-asiática, situando-se entre a literatura dominante e a de resistência negra.

Desde então, Bannerji, declaradamente, assume a existência de uma “luta” ou “guerra de imagens” diante da qual busca fortalecer estratégias e táticas por meio da constituição de formas de resistência. Segundo a escritora, tais formas devem ser críticas e podem, sem problema algum, emergir da linguagem literária. Assim, justifica-se uma espécie de metodologia para o entrelaçamento de seu trabalho crítico e criativo. A autora destaca que, mesmo no campo literário, para as mulheres canadenses sul-asiáticas, torna-se essencial criar condições de produção que as permitam ocupar posições para disseminar e validar imagens de si mesmas. No caso de Bannerji, veremos que ela dirige as atenções às histórias dos sul-asiáticos no Canadá, de modo a fornecer a “terceira dimensão” da luta contra as imagens que criam as condições de sua discriminação e dominação.

Apesar de não ser extensa, a obra de Bannerji apresenta resultados de

valor singular. O reconhecimento de sua produção comprova-se pela atenção crítica recebida especialmente a partir da segunda metade da década de 1990. Conforme demonstra Geoffrey Kain (2000, p. 10), nos estudos sobre escritores canadenses imigrantes, especialmente mulheres pertencentes a minorias étnicas, passagens dedicadas a Bannerji são comuns.

A primeira referência oficial à produção literária da escritora, que na época limitava-se à poesia, é feita em 1987 por Marlene Nourbese Philip, com o artigo “Hard time, maximum time: the poetry of Krisantha Sri Bhaggiyadatta and Himani Bannerji”, na revista *South Asian Review*, no. 5. Em 1994, encontramos o ensaio crítico “‘Some kind of weapon’: Himani Bannerji and the praxis of resistance”, de Roshan G. Shahani, publicado em um livro sobre política cultural feminista. Em seguida, em *Intersexions: issues of race and gender in Canadian women’s writing* (1996), a escritora é retratada no artigo intitulado “Breaking the circle: recreating the immigrant self in selected works of Himani Bannerji”, de Susan Jacob. Um ano mais tarde, em 1997, Stan Dragland publica o artigo intitulado “Other reading: Himani Bannerji’s ‘The sound barrier’”, na revista *The Toronto Review of Contemporary Writing Abroad*, no. 15, consolidando a escrita de Bannerji enquanto literatura crítica. No mesmo ano, Alka Kumar traça um perfil maior dessa escrita literária, no artigo “Voicing the other: Himani Bannerji’s poetics of protest”, na revista *Central Institute of English and Foreign Languages Bulletin*, no. 9.

Dentre os estudos referidos, destacam-se as considerações críticas de Shahani e de Jacob. O primeiro aborda a poesia de Bannerji, enfatizando qualidades que também tipificam sua prosa. De acordo com o crítico, sua poesia é distinta da maioria publicada por imigrantes “não brancos” no Canadá, confortavelmente sancionada pela política do multiculturalismo (1994, p. 180). Em vez da nostalgia por um lar perdido, ou das lamentações por uma identidade cultural perdida, a obra de Bannerji “interroga a ideo-

logia cultural e política do estado, que sob o rótulo do multiculturalismo é vista como capaz de difundir e desmontar energias opositivas sistematicamente” (SHAHANI, 1994, p. 181)¹. Ainda de acordo com Shahani, o trabalho de Bannerji representa a “crítica de um sistema, não a reclamação de um problema localizado” (SHAHANI, p. 1994, p. 183). Além disso, o crítico em foco aponta para o realismo insistente de Bannerji em sua poesia, do mesmo modo que em seu trabalho crítico-teórico e em sua prosa.

Por sua vez, Susan Jacob (1996) mapeia os temas de opressão racial e de gênero na prosa, na poesia e na escrita ensaística de Bannerji, fornecendo uma apresentação da autora e citando diversas passagens que esclarecem tais pontos de vista. Do mesmo modo que Shahani, Jacob observa a impaciência de Bannerji para com símbolos e metáforas e sua relutância em perpetrar as noções dominantes das experiências de imigrantes no Canadá.

A obra narrativo-ficcional de Bannerji é basicamente constituída por contos. Até os dias atuais, a autora produziu somente um romance, intitulado *Coloured pictures* (1991), destinado especialmente ao público infanto-juvenil, obra que confronta a problemática do racismo no Canadá. Através das aventuras de uma menina canadense sul-asiática e seus amigos, a narrativa nos leva a testemunhar a capacidade da juventude de encarar a vida com coragem e humor. Após ter iniciado uma discussão direcionada ao racismo em sala de aula, a menina precisa enfrentar um valentão que se revolta contra ela e seus amigos fora da escola. Assim, o romance retrata, por um lado, a ignorância e o preconceito presentes na sociedade canadense e, por outro, o poder da organização coletiva. É uma trama inteligente que se faz relevante para adolescentes de todas as etnias, por instigar a reflexão acerca da presença do racismo num país oficialmente multicultural.

No que diz respeito aos contos, a escritora não possui uma coletânea que os reúna: seus títulos encontram-se espalhados em antologias de

escrita de mulheres imigrantes, dentre os quais encontramos “The day it rained” (1985), “The other family” (1990), “The moon and my mother” (1996), “The colour of freedom” (1998/99) e “On a cold day” (1999). De acordo com informação fornecida pela autora, Bannerji continua escrevendo literatura, mas alega ter encontrado crescente dificuldade para publicá-la.

Dentre as referidas produções literárias, “The other family” e “On a cold day” são os contos de maior repercussão da autora. Publicados em antologias de escrita canadense feminina, são exemplares para o entendimento da postura crítico-literária de Bannerji. Publicado pela primeira vez no livro *Other solitudes: Canadian multicultural fictions* (1990), “The other family” foi reimpresso, quatro anos mais tarde, em *World literature* (1994), nº 5, e em *Insights: immigrant experiences* (1994) e, ainda, no ano seguinte, em *A multicultural reader* (1995). O conto retrata o conflito identitário de uma família canadense sul-asiática, cuja filha encontra-se em processo de assimilação cultural. Certo dia, a mãe revolta-se quando a filha lhe mostra o retrato de sua família, por ela desenhado em uma atividade escolar, o qual reproduzia uma família de cor “branca”. Após a discussão com a mãe, a menina passa por um processo de reconhecimento de si, no que diz respeito à sua cor e à sua origem étnica. Assim, no dia seguinte, a criança entrega um novo desenho à professora, com uma família de pele e cabelos escuros, ao lado da anterior, explicando-lhe tratar-se de “outra” família.

Manuela Marujo (2001), em publicação intitulada *Vozes Multiculturais de Escritores Canadianos*, aborda de forma panorâmica a produção ficcional de Bannerji, situando-a ao lado dos contemporâneos Joy Kogawa (1935-), William Dempsey Valgardson (1939-), Tomson Highway (1951-) e Erika de Vasconcelos (1965-), escritores minoritários “cujas vozes estão matizadas pela cor das suas raízes”. No entanto, eles foram escolhidos

pela pesquisadora por meio de uma seleção baseada “em preferências pessoais” por autores cujas visões a “sensibilizaram” ou “abriram universos desconhecidos na paisagem do vasto e fascinante espaço literário-cultural canadense de escritores contemporâneos” (MARUJO, 2001, p. 4-5). No trabalho, além de apresentar os dados biográficos e a bibliografia literária de Bannerji, destacando-a como professora de sociologia que tem publicado contos, poesia e artigos em revistas diversas, Marujo sublinha que sua narrativa “The other family” levou-a a ocupar um lugar bastante visível na literatura de vozes multiculturais, pois exemplifica todas as questões que se colocam aos pais de crianças de minorias visíveis no contexto de suas vidas no Canadá (MARUJO, 2001, p. 8).

Por sua vez, “On a cold day” veio aos olhos do público pela primeira vez na antologia *Her mother’s ashes, and other stories by South Asian women in Canada and the United States* (1994), primeira edição de um livro que reúne contos de diversas mulheres canadenses sul-asiáticas, sendo reimpressa, mais tarde, em *Canadian women’s fiction* (1999). O conto desenvolve-se a partir do suicídio de uma personagem canadense sul-asiática, que se atira pela janela de um edifício. Sua morte representa simbolicamente a impotência dos imigrantes “não brancos” no Canadá frente à opressão e às práticas discriminatórias que os tornam invisíveis, excluídos e deslocados. Esse entendimento é dado por outra personagem, igualmente canadense sul-asiática, a qual se depara com a personagem morta na calçada e acaba vivenciando um processo de reconhecimento crítico de si mesma, semelhante ao da criança em “The other family”.

Em “Visões narrativas do migrante e seu processo de integração”, Maria Conceição Monteiro (2006) discute “On a cold day” a partir de noções preliminares baseadas no conceito pós-colonialista cunhado por Bhabha (1998) de *unhomely* (estranho, desenraizado, sem lar) – uma sensação que se apodera do sujeito, furtivamente, como se fosse a sua sombra, le-

vando-o a ver o próprio lar com terror – diferentemente do conhecido termo *homeless* (sem lar, sem teto). Monteiro encontra um viés teórico para analisar o conto. A crítica destaca, na narrativa de Bannerji, a “angústia do deslocamento cultural”. Segundo suas palavras, o conto propicia “um palco de experiência de deslocamento cultural, de identidades partidas e apropriadas e da sua reconstrução através da morte, como revivenciamento da história” (MONTEIRO, 2006, p. 4).

Dentre as revistas e periódicos acadêmicos canadenses em que encontramos contribuições da escritora, destacam-se *Toronto South Asian review*, *Fuse magazine*, *Fireweed: a feminist journal*, *Asianadian*, *Parallelogram* e *Tiger lily*, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Ao longo dos anos 1990, suas publicações assumem a forma de coletâneas de ensaios, a saber: *The dark side of the nation: essays on multiculturalism, nationalism and genre* (2000), *Thinking through: essays on feminism, marxism and anti-racism* (1995), *The writing on the wall: essays on culture and politics* (1993), *Re-turning the gaze: essays on racism, feminism, and politics* (1993) e *Unsettling relations: the university as a site of feminist struggle* (1991). Com a disseminação de tais textos, Bannerji se estabelece como figura notória no Canadá, principalmente no âmbito das discussões étnico-culturais, de gênero e de classes. Na academia, seus interesses de pesquisa situam-se nas relações entre cultura e política, sobretudo a leitura do discurso colonial com base no conceito de ideologia de Marx. Soma-se a isso uma ótica problematizadora do multiculturalismo.

No que se refere à atividade literária de Bannerji, em linhas gerais, sua produção pode ser vista como um ato estético politicamente engajado. Tal posicionamento é defendido pela própria escritora. Para ela, política não é apenas aquilo que está nas ruas, mas uma estrutura de pensamentos e uma possibilidade de ação. Ela acredita que se não conseguimos transformar o mundo apenas com a arte, tampouco seria possível sem ela; é pre-

ciso que haja uma aliança da arte com a política (KAMBOURELI, 1996, p. 183). Sua escritura parece fundamentada no entrecruzamento de sua atuação sociológica e artística, à medida que tanto a produção crítica quanto a literária da autora abordam a situação sócio-cultural dos imigrantes sul-asiáticos em meio à hegemonia da cultura branca canadense. É nessa perspectiva que acreditamos ser possível considerar a obra de Bannerji como uma contribuição crítico-criativa, divisível no que podemos chamar de escrita crítico-teórica – acadêmica – e escrita literária – poética e ficcional.

Em *Making a difference: Canadian multicultural literature* (1996), antologia de literatura canadense contemporânea, editada por Smaro Kambourelí, encontramos um depoimento revelador do que estamos chamando de sua “poética engajada”. As palavras de Kambourelí pertencem à introdução da própria Bannerji a seu livro *Returning the gaze* (1993). A passagem evidencia o modo como a escritora pensa no papel crítico-social de sua criação literária, configurando uma espécie de justificativa da sua produção:

[...] enquanto mulheres não brancas, nossas experiências da “diferença” necessitam de forma e expressão. Por essa razão, os textos criativos ou as histórias orais são cruciais e exigem uma demanda fundamental de transformação. Mas essa demanda requer uma reflexão analítica e sistemática, e é isso que precisa ser elaborado por nós (BANNERJI, 1993, p. xii *apud* KAMBOURELI, 1996, p. 183).

Bannerji considera ambas as formas de expressão, a crítica e a criativa, como complementares e indissociáveis, constituindo uma prática inevitável para as escritoras canadenses sul-asiáticas. Entretanto, o tipo de elaboração a que se refere não constitui apenas uma questão de transplantar ou reproduzir uma cultura étnico-racial; pelo contrário: ao longo de sua obra, a escritora investe na desconstrução de qualquer viés teórico unicamente *cultural* das relações sociais. Para ela, parece essencial que os

aspectos *políticos* das circunstâncias sejam sempre levados em conta para qualquer análise cultural. De acordo com Kamboureli (1996, p. 184), no contexto do multiculturalismo, Bannerji sugere que os canadenses sul-asiáticos assumam a cultura como um ato expressivo, resistente à tendência do multiculturalismo oficial de fossilizar as origens étnicas canadenses.

No artigo “Re-placing ethnicity: new approaches to Ukrainian Canadian literature”, Lisa Grekul (2004), ao discorrer sobre a necessidade de novas abordagens da literatura canadense ucraniana, defende que a preocupação central de todos os debates da relação entre a escrita das minorias étnicas e o cânone da literatura canadense seja a de descobrir em que medida o multiculturalismo realmente promove a diversidade. Para desenvolver seu argumento, essa estudiosa da literatura canadense “étnica” apoia-se em Bannerji. Segundo Grekul, diante das ideologias e práticas do multiculturalismo que alegam promover e preservar as heranças culturais dos grupos étnico-raciais no Canadá, o argumento levantado por críticos literários e teóricos, tais como Bannerji, é o de que o multiculturalismo administra a “diferença” de modo a manter o *status quo* anglo/franco-canadense (GREKUL, 2004, p. 371).

Bannerji representa um ponto de vista exemplar no espaço de contestação crítica e criativa diante das duas culturas dominantes no Canadá. De fato, o complexo diálogo que sua escritura estabelece com as políticas culturais canadenses é o que a torna especialmente relevante no âmbito das expressões étnico-minoritárias na literatura canadense contemporânea. De modo particularmente engajado, em *The dark side of the nation*, Bannerji (2000) apresenta uma crítica mais consistente ao multiculturalismo do Canadá. O livro reúne ensaios marxistas feministas e antirracistas, todos de sua autoria. Ao tratar de questões explicitamente políticas, compreendendo uma teorização da economia política, do estado e da ideologia, a autora fornece uma perspectiva crítico-teórica que, em sua leitura da diferença,

inclui e estende-se para além dos aspectos culturais e discursivos. Com o propósito de desestabilizar os paradigmas utilizados nos debates até então realizados sobre o multiculturalismo canadense, o livro chama a atenção para o modo como o Canadá é um estado-nação em construção e como o discurso da cultura o ajuda no avanço da alegação de legitimação, ao mesmo tempo em que convenientemente ignora a realidade dos imigrantes “não brancos”, mantendo-os relegados a uma história de marginalização político-cultural no Canadá.

É preciso entender que a crítica da autora ao nacionalismo canadense focaliza a representação da “diferença negativa” que as políticas do multiculturalismo têm conferido às populações “não brancas” do Canadá. Ao propor espaços em que “políticas de resistência” possam ser desenvolvidas em busca de um “novo imaginário cultural nacional”, diante de um multiculturalismo que fala simplesmente “em nome da tradição e da identidade” (BANNERJI, 2000, p. 1-2), a estudiosa busca desvelar o multiculturalismo canadense como um modo de administrar subjetividades (que precisam ser recolonizadas). Assim, o lugar comum que a categoria de “minorias visíveis” tem conferido aos imigrantes é o espaço de uma diferença discriminada.

A fim de articular um agenciamento [*agency*] ou uma cultura de resistência, o que por vezes chama de “multiculturalismo popular”, a autora exprime também a necessidade de pensar através das diferentes articulações discursivas do multiculturalismo para denunciar sua condição oficial elitista. Esse multiculturalismo popular considera as multiplicidades das tradições e das relações de poder, marcando as diferenças inscritas pelo poder no interior do espaço da nação (BANNERJI, 2000, p. 5). Por isso, a estudiosa discute as peculiaridades históricas e de formação do estado canadense, particularmente no que se refere às noções da cultura nacional e das multiculturas. Bannerji fornece um entendimento do papel e do local

da ideologia no interior do aparato do estado e da política organizada, a fim de promover as bases para descobrir as várias máscaras culturais e políticas do multiculturalismo canadense.

No ensaio “On the dark side of the nation: politics of multiculturalism and the state of ‘Canada’”, a escritora ocupa-se primordialmente com a construção do Canadá enquanto “uma forma social e cultural de identidade nacional”, bem como com os diversos desafios e interrupções colocados a essa identidade pela literatura produzida por escritores de comunidades “não brancas” (BANNERJI, 2000, p. 87). Já em “Geography lessons: on being an insider/outsider to the canadian nation”², artigo em que discute sua trajetória pessoal no Canadá, Bannerji define o país como “uma democracia liberal com um coração colonial” (BANNERJI, 2000, p. 75) e declara que, ao imigrar, defrontou-se com uma “construção político-ideológica”, a qual lhe impressionou por ser “tão negativa quanto agressiva” (BANNERJI, 2000, p. 64).

Diante do exposto, torna-se mais compreensível a argumentação desenvolvida em “The paradox of diversity: the construction of a multicultural Canada and ‘women of colour’”, artigo em que Bannerji explora o fato de que a linguagem com a qual construímos ou expressamos nossa atuação política deve ser levada muito a sério porque reflete uma organização de relações sociais de poder (BANNERJI, 2000, p. 33). A autora demonstra que a noção de “mulher de cor” não aponta para o exame crítico das relações sociais cruciais no interior das quais elas vivem, nem para as histórias e formas de consciência de poder que marcam sua presença; pelo contrário, como forma naturalizada, “mulher de cor” desempenha uma acomodação ideológica para “etnia”, ao mesmo tempo em que suprime a questão de classe. Em contrapartida, a pensadora propõe a expressão “mulheres não brancas”, a qual funciona como denúncia e contestação do privilégio do “branco”, ao menos no contexto das políticas antirracistas

feministas. De acordo com Bannerji, o uso de um prefixo negativo automaticamente levanta problemas e questionamentos; ao contrário, a substituição pela linguagem da diversidade e da “cor” distrai a atenção do que realmente acontece com essas mulheres, despolitizando sua produção artística (BANNERJI, 2000, p. 34).

Portanto, os ensaios que a autora reúne em *The dark side of the nation* caracterizam uma tentativa, pioneira no Canadá, de colocar em prática uma leitura do multiculturalismo desde uma perspectiva marxista feminista antirracista. Sua escritura reivindica a emergência de sujeitos críticos que sejam, mais do que ideológicos, agentes políticos. No livro, Bannerji assume-se enquanto “intelectual dos oprimidos”, alegando ser possível ocupar tal posição somente à medida que sua própria vida coloca-se como fonte de aprendizado e teorização (BANNERJI, 2000, p. 40). Além disso, por representar uma espécie de retomada ou um apanhado de sua produção crítica dos cinco anos anteriores, o livro nos convida a fazer uma breve menção a tais textos.

Unsettling relations (BANNERJI, 1991) é recorrente como marco inicial das discussões de resistência no interior do próprio feminismo canadense. Como organizadora do livro, Bannerji publica o artigo intitulado “But who speaks for us? experience and agency in conventional feminist paradigms”, ensaio crítico que repercute ao longo de sua obra, sendo inclusive republicado em *Thinking through: essays on feminism, marxism and anti-racism* (1995). Situando a autora ao lado das escritoras Linda Carty, Kari Dehli, Susan Heald, Kate Mckenna, todas engajadas em uma espécie de reformulação da crítica feminista canadense, o livro estabelece uma relação significativa entre seus trabalhos e suas políticas, enquanto ativistas e críticas do feminismo canadense. Embora se dediquem a diferentes assuntos e utilizem variadas metodologias e perspectivas teóricas, as escritoras centram suas análises nas relações de gênero, classe e etnia.

The writing on the wall (1993) é o primeiro livro que reúne ensaios somente de Bannerji. Os textos do livro são exemplares de uma atividade cultural politicamente comprometida, através de discussões críticas do teatro marxista em Bengala Ocidental, da poesia antirracista e feminista de Dionne Brand no Canadá, da poesia revolucionária de Ernesto Cardenal na Nicarágua, de uma recente tendência popular na ficção em Bengala Ocidental e dos filmes do russo Andrei Tarkovsky. Demonstrando uma consciência crítica da integridade sócio-cultural das práticas discursivas e das atuais relações históricas e imperialistas de dominação e resistência, Bannerji expressa no livro sua “crítica relacional e reflexiva da teorização cultural” (BANNERJI, 1993, p. x).

O livro em questão promove mais do que uma simples crítica do discurso colonial: a escrita dessas mulheres pertence ao modo discursivo da tradição marxista de lutas de classe e movimentos de libertação nacional (BANNERJI, 1993, p. x). Nesse sentido, alega que suas preocupações centrais referem-se particularmente à existência e à possibilidade das “culturas de resistência” (BANNERJI, 1993, p. x). Assim, além da noção de especificidade e delimitação de uma análise política, Bannerji trata de dar uma resposta ao que a circundava naquele tempo, propondo uma reflexão acerca de políticas culturais que atravessam o seu próprio crescimento intelectual.

Dois anos mais tarde, *Thinking through* (1995) igualmente apresenta ensaios, em sua totalidade de autoria de Bannerji, os quais desenvolvem uma discussão específica e bem-articulada a respeito do racismo enquanto “produto do capitalismo colonial enraizado na escravidão e no genocídio” (BANNERJI, 1995, p. 9). A autora demonstra que não está à parte dessa “guerra de classes racializadas” (BANNERJI, 1995, p. 9), uma espécie de batalha presente no cenário canadense. Em busca de uma cultura e de uma política de resistência compartilhada e contra o racismo enquanto violên-

cia social, Bannerji formula perspectivas anticoloniais e anti-imperialistas com base na crítica ao colonialismo de Fanon, teórico que fornece o fundamento para a compreensão do que a autora chama de suas “grandes e triviais ‘experiências canadenses’, como as de violência e trauma” (BANNERJI, 1995, p. 10). É desse modo que Bannerji acredita ser capaz de dar forma à autorrejeição de determinados sujeitos imigrantes no Canadá por motivos da cor de sua pele ou tipo de cabelo, resultante de um “abuso contínuo e violento” (BANNERJI, 1995, p. 11).

Além disso, *Thinking through* (1995) constitui um espaço crítico-reflexivo em que Bannerji expõe sua complexa compreensão da relação interativa entre história, organização social e formas de consciência. Pioneiramente, ela articula suas prévias reflexões a respeito de etnia e classe ao componente de gênero. Assim, a estudiosa realiza o que denomina “crítica situada”, porque parte da experiência não como algo isolado, mas no sentido do estar no mundo, sempre social ou historicamente situada (BANNERJI, 1995, p. 13).

No livro *Thinking through* (1995), Bannerji articula uma “política da diferença” direcionada às mulheres “não brancas” no mundo pós-colonial. Combinando um entendimento teórico com uma sensibilidade poética, ela recusa a contenção de simplesmente assentar-se na “diferença”; ao invés, reivindica o poder de redefinir a cultura e a sociedade como um todo. A partir de então, a autora se destaca por consolidar uma transformação da teorização cultural, de gênero e de classe no Canadá: ela atinge o modo de construção da própria teoria, caminhando entre a subjetividade – uma linguagem de poeta, apaixonada e política – e a formulação teórica disciplinada.

No mesmo ano de publicação de *Writing on the wall* (1993), encontra-se *Returning the gaze* (1993), coletânea de ensaios crítico-teóricos organizada por Bannerji. Caracterizado como um ponto de partida para o

debate das mulheres “não brancas”, tentativa pequena, mas absolutamente urgente, de reunir um volume composto na íntegra pela escrita crítica, não ficcional, dessas mulheres, o livro fundamenta-se na “ausência”, no “silenciamento” – não simplesmente “silêncio” – sofrido por tais mulheres, dentre as quais se situa Bannerji. Assim, o livro concretizou um espaço preocupado essencialmente em mostrar que existem vozes críticas de mulheres “não brancas”, embora as editoras canadenses lhes tenham negado atenção (BANNERJI, 1993, p. ix-x).

Em outras palavras, *Returning the gaze* (1993) expressou a criação de um espaço crítico de resistência. No livro, as autoras dirigem-se às fontes da “invisibilidade” paradoxalmente contidas nas categorias “mulheres de cor” ou “minorias visíveis”. Em busca de respostas, revelam que sua diferença é situada, ou construída, através de “gestos supostamente inclusivos e multiculturais”, os quais, entretanto, tornam-se referências vazias no que se refere às questões relacionadas ao racismo e à exclusão (BANNERJI, 1993, p. xv). Para situar o método e a diferença dessa crítica, Bannerji declara que os ensaios críticos do livro fornecem uma “noção de visibilidade” bastante diferente daquela que lhes é imposta pelo senso comum da sociedade e da academia canadense; isto é, eles se baseiam na “noção politizada de representação”, em vez da “noção liberal de representação que estrutura as práticas discursivas do multiculturalismo” (BANNERJI, 1993, p. xvii). Desse modo, promovendo as especificidades de suas diferentes subjetividades, moldadas por distintas formas de histórias coloniais, neocoloniais e de economias políticas, em *Returning the gaze* (1993), Bannerji lança as bases iniciais para o pensamento crítico-literário associado ao método de investigação que se fundamenta no materialismo histórico e cultural, o qual proporciona uma ligação entre análise social e literária e entre política e experiência.

Em “Re-imaging racism: South-Asian Canadian women writers”,

artigo presente em *Returning the gaze* (1993), Aruna Srivastava apresenta a relevância das questões relativas ao racismo e sua estreita relação com a literatura, caracterizando-o como uma “falha da imaginação” (SRIVASTAVA, 1993, p. 132). Para imaginar (e conferir imagem a) o “racismo” e sua relação com as mulheres canadenses sul-asiáticas, Srivastava destaca a escritura de Bannerji, ao afirmar que o racismo é um ato da imaginação, dependente dos modos como imaginamos o mundo:

O racismo, enquanto imaginação, possui sua gramática e sintaxe, um poder narrativo penetrante e quase impermeável, um poder que faz com que uma poeta como Himani queira deixar de escrever, deixar de usar palavras, permanecer em silêncio (SRIVASTAVA, 1993, p. 144-145).

Nessa perspectiva, torna-se possível ver as canadenses sul-asiáticas como desterritorializadas, mulheres que sofrem um deslocamento cultural. Por encontrar-se em tal condição, Bannerji não acredita na possibilidade de realizar uma ficção supostamente “neutra”, apolítica; e sua ficção, a qual não se desvencilha de um projeto político-pedagógico, torna-se gradativamente mais clara e justificada.

Ainda em *Returning the gaze*, além da introdução ao livro, no artigo “Popular images of South Asian women”, ao discutir imagens comumente associadas às mulheres sul-asiáticas no Canadá, Bannerji reclama justamente da carência de imagens visuais para tais mulheres, o que, contudo, não denota ausência de imagens no espaço social. Em contraposição a imagens primordialmente “não sexuais, passivas, dóceis e femininas”, a autora sugere que, ao invés da “contígua objetificação”, sua luta política nesse estágio concentra-se na produção de imagens e relatos que funcionem como imagens de resistência (BANNERJI, 1993, p. 176). Segundo a crítica, as imagens em questão consistem em descrições de suas experiências do modo como realmente são vividas, remontando, no presente, às relações passadas de exploração (BANNERJI, 1993, p. 180). Assim, as imagens de resistência geradas através da ficção, ao passo que ilustram

como vivem mulheres “não brancas” no Canadá, parecem incorporar o modo como gostariam de viver.

Em suma, neste ponto, verificamos que Bannerji acredita na necessidade de chamar atenção para o fato de que a condição opressiva do estado canadense para com as minorias “não brancas” não se limita ao nível de imagens, mas acontece realmente, fisicamente, em suas vidas. Para ela, embora as imagens tenham algum efeito, não são as imagens, mas as relações de dominação – a prática – que matam (BANNERJI, 1993, p. 186). Assim, a teórica demonstra que a presença, a ausência e a natureza das imagens não se tornam passíveis de quantificação enquanto não as pensarmos exclusivamente como um “conjunto ou sistema de signos de referências entrecruzadas da realidade enquanto discurso” (BANNERJI, 1993, p. 186).

The other woman: women of colour in contemporary Canadian Literature, coletânea de ensaios críticos organizada por Makeda Silvera (1995), apresenta dois artigos que também se fazem relevantes no contexto deste estudo para situar a contribuição da obra de Bannerji. No prefácio do livro, Silvera declara que a escrita das “mulheres de cor” no Canadá, embora não fale necessariamente em unissonância, parte de um interesse comum: a autoafirmação politicamente consciente. Seu próprio livro apresenta-se como espaço para formar alianças em resistência aos nomes que lhes têm sido impostos desde o colonialismo. Nas palavras da organizadora, trata-se de “um livro que se volta para nós através de nossos próprios olhos e não dos olhos da cultura branca” (SILVERA, 1995, p. x-xii).

Nesse espírito de autoafirmação, de geração de imagens de si mesmas, no artigo “Names resonant and sweet: an overview of South Asian Canadian women’s writing”, Parameswaran destaca *The writing on the wall* (1993), de Bannerji, ao lado de *Oppositional aesthetics*, de Arun Mukherjee (1994), como os primeiros volumes de ensaios críticos da di-

áspora sul-asiática no Canadá. Os dois permanecem significativos no âmbito da discussão na atualidade, por fornecerem teorias críticas que são quadros de referência para analisar obras literárias dessa diáspora. Além disso, a estudiosa situa Bannerji como a “*nossa* ativista mais articulada” [grifo nosso], referindo-se às experiências migrantes no Canadá anglófono e à recusa de mitologias que geralmente conferem uma forma distorcida dessas experiências (PARAMESWARAN, 1995, p. 8-9).

No mesmo livro, em capítulo intitulado “Writing was not a decision”, Bannerji é entrevistada pela organizadora, ao lado de Dionne Brand. Durante a conversa, expressa o sentimento de estar “aprisionada em algum lugar, de algum modo” (BANNERJI, 1995, p. 180). Ao comentar sua produção, declara que escreve sobre o que vivencia; estabelecendo uma relação interdependente de sua poesia com sua prosa; exprime que sua escritura trata de “violência e dissociação”, o que, segundo a escritora, de fato produz “distúrbios de personalidade ou fisiológico-emocionais” (BANNERJI, 1995, p. 182). Por isso, Bannerji acredita ser impossível deixar de falar de relações de violência na sua escrita literária.

Assim, percebemos que a autora não vê a si mesma como escritora de literatura separadamente de sua crítica e de seu ensino, reconhecendo que tais posicionamentos ou agenciamentos estão no contexto de sua vida de modo indissociável. Isso está diretamente relacionado à outra declaração de Bannerji, dada naquela mesma entrevista:

Adoro flores. Não me importaria de periodicamente ter fantasias e escrever sobre as árvores e as plantas e assim por diante... mas não consigo fazê-lo e não quero. Não é apenas que eu não consiga fazê-lo: vejo isto como uma privação. Não decido escrever sobre o que escrevo (BANNERJI, 1995, p. 185).

Assim, ela demonstra que parecem ser as forças sociais que a impelem ao ofício de escritora das minorias.

Bannerji privilegia a produção crítica em detrimento da ficcional

nesta escrita dotada de memória, de história pessoal, da violência vivenciada pela própria autora, preocupada em explorar as injustiças do mundo em termos de suas relações de poder. Entretanto, ler sua obra somente como sociologia ou antropologia, como alguns estudiosos da literatura poderiam sugerir, seria diminuí-la. Acreditamos que a escrita criativa possa adquirir um caráter crítico sem deixar de ser literatura. A esse respeito, a própria Bannerji defende que, atualmente, se pouco da escrita crítica é criativa, ao contrário, muito da escrita criativa pode ser crítica. Como professora, além de crítica e escritora, ela considera explicitamente que pessoas, por exemplo, antirracistas, marxistas, feministas – as quais se movem nesse espaço – serão capazes de utilizar o que sua escritura diz (BANNERJI, 1995, p. 187-89).

Sendo assim, Bannerji vai ao encontro de uma crítica ao “universalismo” que sustenta a cultura do Ocidente. Ela, deliberadamente, opta por não realizar uma literatura “universal”; não quer ser incluída no cânone da “grande” literatura. Para a autora, as pessoas que se encontram confortáveis demais, na verdade, têm falado muito particularmente aos seus próprios interesses; é o trabalho, a vida e a história de *um* grupo de pessoas que está em posição privilegiada de poder de decisão do que é história e do que é teoria. Para Bannerji, se o dito “universal” é descoberto como propriedade de um grupo de pessoas, então, é preciso reagir a partir de uma escritura de autoafirmação, de modo a escapar das categorias tanto literárias quanto sociais excludentes, conferidas pelo poder e saber dominantes (BANNERJI, 1995, p. 198).

Other solitudes: Canadian multicultural fictions (1990), livro organizado por Linda Hutcheon e Marion Richmond, pode ser considerado um dos principais responsáveis pela inclusão de Bannerji às discussões da literatura canadense de autoria das “minorias étnicas”. É nele que o conto “The other family” é apresentado pela primeira vez, seguido de

uma biografia da autora e de uma entrevista crítica de Bannerji realizada por Mukherjee. Na entrevista, as estudiosas discutem questões relativas ao silenciamento exercido pela crítica literária canadense dominante em relação à produção artística dos grupos minoritários e ao apagamento de suas identidades étnico-raciais, decorrente da imposição de uma política de assimilação da “branquicidade” canadense, especialmente refletida na formação de seus filhos. Assim, introduzem a problemática de que a cultura dominante oblitera e marginaliza suas experiências, ao passo que o discurso oficial reproduz uma imagem do multiculturalismo como uma espécie de mosaico que abriga harmonicamente a diferença e a pluralidade de modo incoerente com a realidade.

Em meio a tal discussão, surge a observação de que os filhos do que chama de “minorias visíveis” poderão desejar a completa assimilação da cultura canadense dominante, mesmo que o custo disso seja a perda de sua identidade étnica. Por outro lado, Bannerji reconhece ser impossível reproduzir uma cultura indiana no Canadá, pois não é passível de ser transplantada. Contudo, a escritora alega existir uma possibilidade, uma verdade política, uma afirmação:

Podemos mostrar para as crianças o sentido de nossa vida no Canadá – não é que na Índia seja melhor, mas que é diferente, não é pior do que no Canadá [...] Estamos aqui. Somos diferentes do que éramos. E o modo através do qual acredito ser possível dar sentido a toda essa situação e deixar algo para nossos filhos, um legado, não é simplesmente por meio de uma peça de museu da vida cultural – os desfiles com vestimentas, cantos e danças típicas – mas ao mostrar o significado de ser indiano no Canadá – para além da etnicidade e da conversa cultural (BANNERJI, 1990, p. 147).

Nesse sentido, o que a escritura de Bannerji sugere, quer seja crítica ou criativa, é justamente a resistência declarada à cultura canadense dominante. Ela demonstra que a linguagem puramente crítica e teórica auxilia os intelectuais a articularem a resistência, enquanto a literatura, es-

pecialmente a prosa, revela-se um veículo de maior eficácia para o restante da população, particularmente para as crianças pertencentes aos grupos etnicamente desprivilegiados no Canadá.

Quanto à forma dessa escritura, é crucial atentarmos para o fato de que Bannerji acredita na possibilidade de gerar o desenvolvimento de uma cultura própria considerável, por parte das minorias étnicas, que resista às condições opressivas promovidas pela cultura dominante. Tendo a realidade étnico-racial discriminatória como ponto de referência, a fim de defender a posição de que as minorias “não brancas” devem evitar completamente falar sobre as pessoas “brancas” – assim como uma grande parcela do feminismo simplesmente deixou de falar sobre os homens –, a seguinte declaração torna-se extremamente significativa:

Falarei sobre as pessoas brancas somente na medida em que entrem na narrativa dominante. Se eu escrever um romance, não o escreverei para provar aos brancos que não sou o que eles pensam que sou. Quero escrever sobre como você e eu vivemos aqui (BANNERJI, 1990, p. 149).

Com isso, a escritora refere-se não apenas ao povo indiano, mas a todos aqueles que não são “brancos” no Canadá, pois, segundo ela, somente as pessoas que pertencem às classes dominantes é que conseguem fazer a distinção entre o pessoal e o político (BANNERJI, 1990, p. 150).

Desse modo, observamos que, para as minorias étnicas, a rua não acaba na porta de casa. Bannerji, por exemplo, reconhece que, apesar de ter escrito e publicado significativamente, sua obra não tem recebido atenção. Isso é resultado da existência do que ela chama de uma “cultura da surdez” no Canadá, no sentido de que é permitido falar à vontade, mas aqueles no poder recusam-se a lhe dar ouvidos (BANNERJI, 1990, p. 151). Diante da realidade apresentada, a escritora crê que jamais haverá algum reconhecimento verdadeiro de sua obra, mesmo enquanto literatura de resistência, pois o cânone é binário e reconhece sua oposição somente no “negro”. Embora politicamente a metáfora se aplique, pois o que quer

que não seja “branco” é visto como “negro”, sua escrita situa-se em algum lugar entre as duas fendas como forças opositivas, mas não há categoria chamada de “literatura marrom”, por exemplo.

Fora do Canadá, recentemente, Bannerji foi premiada com o *Rabindra Memorial Prize 2005* por seu livro *Inventing subjects: studies in hegemony, patriarchy and colonialism* (2002). Criado em 1950 para celebrar a memória do primeiro indiano a receber o Nobel, esse é o maior prêmio literário conferido pelo governo do estado de Bengala Ocidental. O trabalho de Bannerji foi selecionado na categoria de reconhecimento de livros escritos em língua estrangeira, mas que enfocam a sociedade indiana e sua cultura. *Inventing subjects* é uma coletânea de ensaios, numa perspectiva marxista-feminista, que trata das diferentes maneiras através das quais os sujeitos sociais e suas atuações têm sido construídos e representados no contexto do desenvolvimento da hegemonia colonial e das formações sócio-culturais da Índia. Quatro de seus ensaios enfocam propostas construtivas de mudança social, enquanto os outros dois consideram a invenção ou a construção da Índia enquanto categoria ideológica reguladora que impõe uma identidade colonialmente atribuída.

Portanto, a referida produção demonstra a relevância de Bannerji para a cultura canadense. Em especial, os aspectos presentes em sua escritura subsidiam uma compreensão da literatura canadense das minorias étnicas em termos dos processos de dominação cultural. Sua obra possui um compromisso com a desconstrução de estereótipos raciais discriminatórios, capaz de motivar um desafio ao discurso nacionalista canadense, ao focalizar em instâncias da agência ou da resistência dos grupos étnico-minoritários. Logo, vale notar o modo como tal produção objetiva não só a denúncia da opressão sofrida pelos imigrantes etnicamente desprivilegiados no Canadá, mas também a transformação dessa situação, por meio de uma articulação das vozes aqui em foco.

Referências

- BANNERJI, Himani. *A separate sky*. Toronto: Domestic Bliss, 1982.
- _____. *The day it rained*. Fireweed 21. Summer/Fall 1985. p. 27-31.
- _____. *Doing time*. Toronto: Sister Vision, 1986.
- _____. *The politics of representation: a study of class and class struggle in the political theatre of West Bengal*. Ottawa: National Library of Canada, 1988.
- _____. The other family. In: HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Marion (Org.). *Other solitudes: Canadian multicultural fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- _____. Interview with Arun P. Mukherjee. In: HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Marion (Org.). *Other solitudes: Canadian multicultural fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- _____. *Coloured pictures*. Toronto: Sister Vision, 1991.
- _____. *The writing on the wall: essays on culture and politics*. Toronto: TSAR, 1993.
- _____. (org.). *Returning the gaze: essays on racism, feminism and politics*. Toronto: Sister Vision Press, 1993.
- _____. *Thinking through: essays on feminism, marxism, and anti-racism*. Toronto: Women's Press, 1995.
- _____. The moon and my mother. In: MAIRA, Sunaina; SRIKANTH, Rajini (Org.). *Contours of the heart: South Asians map North America*. New York: Asian American Writer's Workshop, 1996.
- _____. *Mirror of class: essays on political theatre*. Calcutá: University of Calcutta Press, 1998.
- _____. On a cold day. In: SULLIVAN, Rosemary (Org.). *Stories by Canadian women*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

- _____. Colour of freedom. West Coast Line 26-27. September 1998 - February 1999. p. 177-91.
- _____. *The dark side of the nation: essays on multiculturalism, nationalism and gender*. Toronto: Canadian Scholars' Press Inc., 2000.
- _____. MOJAB, S.; WHITEHEAD, J. (orgs.). *Of property and propriety: the role of gender and class in imperialism and nationalism*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- _____. *Inventing subjects: studies in hegemony, patriarchy and colonialism*. Calcutá: Anthem Press, 2002.
- BANNERJI, Himani et al. *Unsettling relations: the university as a site of feminist struggle*. Toronto: Women's Press, 1991.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- GREKUL, Lisa. Re-placing ethnicity: new approaches to Ukrainian Canadian literature. In: SUGARS, Cynthia (org.). *Home-work: postcolonialism, pedagogy and Canadian literature*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2004.
- HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Marion (orgs.). *Other solitudes: Canadian multicultural fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- JACOB, Susan. Breaking the circle: recreating the immigrant self in selected works of Himani Bannerji. In: VEVAINA, Coomi S.; GODARD, Barbara. *Intersexions: issues of race and gender in Canadian women's writing*. New Delhi: Creative, 1996.
- KAIN, Geoffrey; Himani Bannerji (1942-). In: NELSON, Emmanuel S. (org.). *Asian American novelists: a bio-bibliographical critical sourcebook*. Westport, CT: Greenwood, 2000.
- KAMBOURELI, Smaro. *Making a difference: Canadian multicultural literature*. Ontário: Oxford University Press, 1996.

- MARUJO, Manuela. Vozes multiculturais de escritores canadianos. *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Universidade de Évora, maio de 2001.
- MUKHERJEE, Arun P. *Oppositional aesthetics: readings from a hyphenated space*. Toronto: TSAR, 1994.
- PARAMESWARAN, Uma. Names resonant and sweet: an overview of South Asian Canadian women's writing. In: SILVERA, Makeda. *The other woman: women of colour in contemporary Canadian literature*. Toronto: Sister Vision Press, 1995.
- SHAHANI, Roshan G. "Some Kind of Weapon": Himani Bannerji and the praxis of resistance. In: WARING, Wendy (org.). *By, for and about: feminist cultural politics*. Toronto: Women's Press, 1994.
- SILVERA, Makeda. *The other woman: women of colour in contemporary Canadian literature*. Toronto: Sister Vision Press, 1995.
- SRIVASTAVA, Aruna. Re-imaging racism: South-Asian Canadian women writers. In: BANNERJI, Himani (org.). *Returning the gaze: essays on racism, feminism and politics*. Toronto: Sister Vision Press, 1993.

(Endnotes)

- ¹ Todas as citações dos originais em inglês foram traduzidas por nós para fins desta publicação.
- ² Anteriormente publicado em *Dangerous territories: struggles for difference and equality in education* (ROMAN e EYRE, 1997) e posteriormente em *Unhomely states: theorizing English-Canadian postcolonialism* (SUGARS, 2004).